

Špánková, Silvie; Soromenho, Castro

**Soromenho, Castro (1910–1968): Terra Morta (1949)**

In: Špánková, Silvie. *(Des)colonização na literatura portuguesa contemporânea : breve antologia de textos literários e ensaísticos com atividades*. 1. vyd. Brno: Masarykova univerzita, 2014, pp. 74-75

ISBN 978-80-210-7053-0; ISBN 978-80-210-7056-1 (online : Mobipocket)

Stable URL (handle): <https://hdl.handle.net/11222.digilib/130548>

Access Date: 17. 02. 2024

Version: 20220831

Terms of use: Digital Library of the Faculty of Arts, Masaryk University provides access to digitized documents strictly for personal use, unless otherwise specified.

## **Soromenho, Castro (1910–1968): *Terra Morta* (1949)**

*Nascido em Moçambique e filho de portugueses, Castro Soromenho foi o primeiro autor a declarar-se escritor angolano, embora a sua obra tenha sido escrita em Portugal. Até 1949 cultivava uma prosa de teor etno-histórico e colonial-exótico, a partir de 1949 muda radicalmente a sua poética, aproximando-se do neorrealismo pela crítica social (Terra Morta, Viragem e A Chaga). O romance Terra Morta situa-se em Lunda, numa localidade de nome Camaxilo, que funciona como um microcosmos fechado, distópico, e em que o presente degradado contrasta com a nostalgia do passado.*

Um canto arrastado e monótono veio de longe, trazido pelas brisas da madrugada da planície, e pairou, alongado pelo eco, sobre a vila de Camaxilo. O sipaio, que estava acororado em frente da fogueira, de guarda à Administração, voltou a cabeça para as bandas da planície e ficou-se, enlevado, a ouvir a música triste que vinha dos ermos. Eram os negros das senzalas que marchavam, a caminho da vila, com cargas de cera às costas, a cantar as suas velhas canções de mercadores errantes.

O canto tornou-se harmonioso e mais triste, quando a caravana começou a descer a encosta, no caminho longo para a povoação-de-baixo. O sipaio Caluis estendeu o pescoço e ficou, de olhos semicerrados, a escutar. Um sorriso iluminou-lhe o carão duro, todo vincado, com grandes olhos tristes e mortiços de fumador de liamba. E começou a cantar baixinho, num lamento, acompanhando a cantiga que vinha dos longes. Era uma canto da sua terra, que muitas vezes cantara quando, vergado ao peso da carga de bolas e mantas de borracha, vinha da aldeia negociar com os brancos de Camaxilo.

Nesse tempo, Camaxilo era uma grande terra, o centro comercial mais importante de toda a Lunda, com mais de cinquenta lojas e uma centena de comerciantes brancos. E nas terras ao redor e por sertões dentro, no Cuilo, Luremo, Lubalo e outras de que só os velhos se lembram, eram em grande número as feitorias comerciais dos brancos, mulatos e negros ambaquistas, aviados das grandes casas comerciais de Malanje e Luanda. Tempos de fortuna, em que os negros das senzalas tinham todos os panos que queriam, montes de fios de missangas, pipos de aguardente e latinhas de pólvora. Os brancos bebiam champanhe e jogavam forte ao bacará. E os sobas faziam batuques que duravam quinze dias e quinze noites, embebedando-se com vinho misturado com água açucarada e aguardente de batata-doce. Esse foi o tempo em que a borracha valia ouro de lei e os brancos corriam para o Leste com as suas pacotilhas, pagando impostos aos sobas

para poderem negociar com os seus *filhos* e transitarem por suas terras cruzadas de trilhos. Era o tempo de Braz Vicesse e do seu bando de quimbundos armadas que iam até aos confins da região que borda os Grandes Lagos, em jornadas comerciais que duravam mais de um ano, trazendo caravanas com marfim e borracha e rebanhos de escravos, o ouro branco e o ouro negro da África antiga, que levavam para as praias de Benguela. E fora o teatro das façanhas dos negreiros árabes que varavam com os seus gritos de guerra os sertões do Norte, arrebanhando negros para os vender como escravos.

Agora, o sipaio Caluis, que já tem cabelos brancos e muitos filhos que suas três mulheres arranjaram nos braços de homens novos, está a ouvir a canção da sua aldeia e a recordá-la, quando ali houve duas lojas de mulatos, aviados do branco José Aparício, o «seu Jusa» dos negros, que se matou quando a borracha passou a valer tanto como um punhado de areia e os credores lhe levaram quanto tinha em casa. Nesse dia, ele enforcou-se na sua loja.

Jose Aparício foi o seu primeiro patrão, quando ele fugiu da aldeia com medo do soba e veio para Camaxilo. Serviu-o com dedicação de cachorro, porque ele pagara ao soba, que o veio reclamar, duas garrafas de vinho do Porto. O branco deu-lhe de comer durante anos e ensinou-lhe a pesar borracha no balcão bem afreguesado da sua loja, a maior da terra. E só o deixou quando um dia fora apanhado com o gargalo da garrafa de aguardente na boca. Estava a beber de olhos fechados e não viu o patrão aproximar-se e deitar-lhe a mão ao braço. Largou a garrafa que se partiu a seus pés, o que aumentou a fúria do branco, e quis fugir, mas a porta estava fechada e o chicote de «seu Jusa» meteu-o a um canto. Quando se encontrou na rua, sem saber como, pingava sangue de todo o corpo e tinha os beiços e o nariz tão inchados que mal podia respirar. Mas não ficou a odiar o branco. «Seu Jusa é branco bom. Vinho é que faz gente maluco», dissera ele ao patrão, quando lhe foi dizer adeus, porque ia para Malanje. Aparício deu-lhe um cobertor velho e uma caneca de sal. E Caluis nunca mais esqueceu o seu branco.

(SOROMENHO, Castro. *Terra Morta*. Lisboa: Sá da Costa, 1979, p. 43–45)

### Atividades:

1. Com base nos pormenores descritivos, indique as características do espaço da vila. Interprete o título da obra.
2. Comente a relação entre o presente e o passado. Compare com outras narrativas portuguesas nas quais aparece a mesma problemática.
3. Tente delinear e caracterizar a população de Camaxilo.
4. Quais são os maiores problemas de Camaxilo?